



# DECIFRANDO O ESPAÇO A PARTIR DA LITERATURA

■ MARIA AMÉLIA VILANOVA NETA - MESTRANDA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA DA UFRJ

## RESUMO

ESTE PAPER OBJETIVA CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS DAS RELAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA, ASSUNTO GERALMENTE NÃO CONSIDERADO POR GEÓGRAFOS BRASILEIROS. A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE JAMES DUNCAN, FRANCO MORETTI E MARC BROSSÉAU, AQUELAS RELAÇÕES SÃO DISCUTIDAS. A PAISAGEM É O FOCO CENTRAL DESTA DISCUSSÃO, ESPECIALMENTE CONSIDERADA COMO UM TEXTO, SUBMETIDA A DIFERENTES INTERPRETAÇÕES. UM EXERCÍCIO ANALÍTICO FOCADO NO ROMANCE DE JOSUÉ DE CASTRO *HOMENS E CARANGUEJOS*, SITUADO ESPACIALMENTE EM UMA FAVELA DOS MANGUES DO RECIFE, FINALIZA ESTE ARTIGO.

**PALAVRAS-CHAVE:** GEOGRAFIA CULTURAL, LITERATURA, PAISAGEM, TEXTO, SIMBOLISMO, MOCAMBO.

● presente texto considera algumas das possibilidades de pesquisa geográfica com base na produção literária, bem como visa ser uma contribuição para o desenvolvimento da temática em tela na Geografia brasileira. Parte-se do argumento de que o espaço pode apresentar-se como componente principal da narrativa, sendo fundamental, quando não determinante, no desenvolvimento da ação (Dimas, 1994). Considerando-se também a íntima relação entre a produção literária e o contexto sócio-espacial no qual esta se desenvolve, o *espaço romanescos* surge como importante categoria de apreensão do real (Bastos, 1993).

Num âmbito internacional, tais estudos ganharam força a partir da década de 70, quando a Geografia Humanista e a Geografia Crítica lançaram-se às fontes literárias, dando origem a uma produção diversa e que contribuiu para a atual pluralidade desta linha de pesquisa (Brosseau, 1996). No entanto, a geografia brasileira tem se privado a participar

deste debate, a despeito da *riqueza espacial* que apresenta sua produção literária (Dimas, 1994). Se considerarmos, ainda, que as composições musicais também integram a produção literária, e que o Brasil apresenta uma vasta e qualificada gama de romancistas e compositores, constataremos que o estudo do *espaço literário* apresenta-se como um campo fértil e inexplorado para a pesquisa geográfica nacional. Alguns geógrafos brasileiros já apontaram, de forma isolada e de maneiras diversas, para a relevância deste tema, como Mello (1991), Bastos (1993), Haesbaert (2002) e Monteiro (2002).

Neste sentido, resgatamos no presente texto algumas contribuições, em grande parte estrangeiras, que possam favorecer a sistematização de uma linha de pesquisa brasileira que una Geografia e Literatura, bem como apresentamos um exercício analítico que, esperamos, evidencie a fecundidade presente no

intercâmbio entre estes dois campos autônomos de conhecimento. Antes, porém, consideramos necessária a breve exposição do processo que transformou a Literatura em um dos temas de estudo geográfico.

#### LITERATURA, UM TEMA GEOGRÁFICO \_\_\_\_\_

O interesse geográfico por textos literários não é recente. As primeiras manifestações de esforços nesse sentido podem ser encontradas no início do século XX, mesmo que ainda sem um interesse em transformar a Literatura em um novo campo de pesquisa geográfica. Ao contrário, nos poucos numerosos artigos geográficos escritos até a década de 1970 sobre o assunto, vinculados à Geografia Regional de inspiração francesa, os romances eram tomados como complemento à pesquisa geográfica. Esta perspectiva toma a literatura apenas como fonte complementar para os estudos geográficos, no que se refere à busca de informações sobre os lugares e os tempos passados. O romance é analisado de forma objetiva, e busca-se nele informações positivas, seja em se tratando do romance contemporâneo ou do romance de época. Os relatos de viagens, e sobretudo o romance realista do século XIX, são valorizados por oferecerem 'informações' sobre as paisagens, os lugares e os homens, servindo, assim, de ferramenta para o exercício geográfico, ao fornecerem uma 'síntese' sobre os lugares. É pertinente, no entanto, o questionamento que Brosseau faz sobre tais estudos, no que diz respeito à capacidade dos autores em reproduzir objetivamente os lugares e as paisagens. (Brosseau, 1996).

Com o início da década de 1970, os estudos geográficos sobre textos literários ganham incremento, a partir da influência de modificações ocorridas na década anterior no seio das ciências humanas (Brosseau, 1996), notadamente na

Antropologia, com a qual a Geografia Cultural de língua inglesa apresenta estreitas relações. A modificação na concepção da cultura e a crise de representação ocorridos na Antropologia passaram a integrar os debates geográficos, servindo de base para as novas discussões no âmbito da Geografia Cultural (Mondada & Söderström, 1993). Em relação à cultura, verifica-se um crescente número de críticas às abordagens que a tomavam como uma entidade supra-orgânica - postura defendida, na Geografia, pela Escola de Berkeley - que redundaram na valorização de sua dimensão simbólica no processo de reprodução social (Duncan, 1990; Duncan 2002). Quanto à crise de representação, verifica-se a centralidade conferida às questões do texto e da textualidade, tendo a literatura geralmente assumido destaque nesse processo.

Esses dois pontos de discussão na Antropologia – cultura e textualidade – convergem na metáfora da cultura como um texto, proposta por Clifford Geertz (1989), que refere-se basicamente à sua condição instável quanto à significação que possa assumir, estando aberta, neste sentido, a múltiplas significações. Tal metáfora 'salta' da Antropologia para a Geografia, transformando o olhar que se tem sobre o conceito de paisagem. Conforme Mondada e Söderström (1993), a paisagem como um texto constitui-se na metáfora central da Geografia Cultural atual: "a paisagem tornou-se um texto cuja significação é instável e cuja escritura e leitura estão engajados em processos sociais e políticos conflitivos" (Mondada & Söderström, 1993:76). Ainda conforme estes autores, "contrariamente à tradição saueriana, a paisagem concebida como um texto permite, de alguma maneira, restituir vida a esse processo de inscrição à montante que deu forma à paisagem, e também conceber, a jusante, as diversas estratégias de interpretação das



quais ela pode ser objeto" (Mondada & Söderström, 1993:76-77). Um dos exemplos da análise da paisagem como um texto é o estudo de Duncan (1990) sobre a significação da paisagem de Kandy, no Sri Lanka, sobre o qual trataremos mais à frente.

Retomando a exposição feita no início desta seção sobre a evolução dos estudos geográficos sobre textos literários, percebe-se uma mudança no formato dos estudos nesta linha a partir da década de 1970. Conforme nos aponta Brosseau (1996), a Geografia inglesa de inspiração humanista surge como uma reação à produção da Nova Geografia, sugerindo que o objeto do estudo geográfico deveria ser o lugar e a relação que os indivíduos estabelecem com ele. Em relação à literatura, esta teria importância para o estudo geográfico por transcrever as experiências concretas que o autor tem com os lugares, sendo vista assim como o resultado de percepção da qual o romance guardará o vestígio. Este (o romance) daria conta não apenas dos aspectos objetivos da realidade, mas também de sua subjetividade, sendo assim o encontro entre o mundo objetivo e o mundo da subjetividade humana. O romance realista também é valorizado nesta perspectiva, pois seria capaz de expressar a alma do autor e de possibilitar uma valorização de um pertencimento territorial rico em sentidos, todavia perdidos, em reação aos espaços **estandardizados do século XX**. Neste sentido, observa-se uma tendência a tomar o romance, em especial o realista, de forma também utilitária, sendo que agora em relação às experiências pessoais do autor em relação a dado lugar. Tais experiências são tidas como verdadeiras e desta forma a análise literária retém-se no plano do imaginário e negligencia o processo criativo do autor e do uso que este faz dos recursos da linguagem. Para o referido autor, tal

abordagem é considerada problemática e 'empobrecedora' dos estudos geográficos.

Ainda durante a década de 70 surge uma outra proposta de análise literária em Geografia, oriunda da corrente denominada Geografia Crítica. Segundo esta linha de pesquisa, a literatura 'serviria' como forma de denúncia da situação vigente e também como uma forma de apontar meios de organização contrários ao monopólio da realidade estabelecida. Poucos são os estudos que realizam uma interpretação radical de trabalhos do ponto de vista geográfico, preferindo identificar as carências nos pontos de vista humanista (o que Brosseau chama de ausência de auto-crítica), como é o caso dos estudos de Cook e J.Silk, este último sendo defensor da idéia de que a literatura deveria estar a serviço da mudança social e se opor à ideologia dominante, englobando linhas de pesquisa sobre o feminismo, o regionalismo, o separatismo e o nacionalismo anti-fascista. Os romances regionalistas do século XIX não são valorizados na perspectiva crítica, que os considera 'não-realistas', em contraposição a uma literatura 'engajada socialmente', considerada como 'verdadeiramente realista'.

Sobre as três correntes de análise literária em Geografia vistas anteriormente, Brosseau tece uma crítica interessante para nosso debate. Todas as visões acima apresentadas tomam a literatura de uma maneira instrumental, através da qual sua importância não estaria em sua estrutura, mas nas relações que esta faz com a realidade, tendo, portanto, uma importância *alheia* a si. Segundo o autor, esta "característica instrumental (...) repousa evidentemente sobre motivos diferentes, mas as razões são geralmente as mesmas, servir a suas próprias causas: para uns a literatura serve de fonte de informações, para outros para recolocar o homem no centro das preocupações,

ou ainda para criticar o status quo por uma melhor justiça social” (Brosseau, 1996:50).

Podemos observar, a partir do exposto, o destaque recebido pelo romance realista europeu nas análises geográficas, fato apontado também por pocock (1988). segundo este autor, o romance tem sido esmagadoramente o gênero escolhido para a análise geográfica não apenas por ser o que comporta o maior número de escritos na literatura, mas também pela ênfase que ele confere aos cenários e à paisagem. no entanto, não é privado o estudo que englobe outros gêneros, como a poesia (incluindo a que se apresente em forma de música) entre outros. tal ampliação da concepção do que seja um texto literário só colabora para a ampliação de estudos geográficos, que poderão debruçar-se sobre os diversos espaços literários, e não somente sobre os espaços romanescos.

#### DA NATUREZA DO TEXTO LITERÁRIO ÀS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS \_\_\_\_\_

Após apresentarmos, em linhas gerais, o processo que transformou a Literatura em um tema de estudo geográfico, trazemos, nesta seção, algumas contribuições a esta linha de pesquisa. Tais contribuições podem ser consideradas caminhos distintos quanto à metodologia de análise dos textos literários, mas certamente partem de um ponto em comum: a centralidade que o espaço adquire em tais textos. Segundo Brosseau, o espaço literário “não tem somente um simples estatuto de cenário; ele não é somente o receptáculo mudo de sentido do qual a ação o carregará, porque a ação é também condicionada por ele” (Brosseau, 1996:89).

Antes que tais contribuições sejam expostas, acreditamos ser interessante tecer algumas considerações sobre a natureza do texto literário.

Este apresenta características que o individualizam, que o tornam passível de análises as mais diversas.

Conforme Massaud Moisés, texto é todo o documento que pressupõe leitura, mesmo que sua apresentação não se dê pela página convencional, mas por diferentes instrumentos de registro – slides, cartazes, fitas ou discos. Permanece, contudo, a condição básica do texto, a de ser um documento ‘escrito’, visual ou oralmente transmitido, destinado à leitura (Moisés, 1973). O mesmo autor adverte, porém, que nem todo texto pode ser classificado como texto literário. Suas características específicas são de extremo interesse aos objetivos do presente estudo.

Moisés difere os diversos tipos de textos pelos signos ou símbolos neles contidos. Signos ou símbolos são, conforme o autor, representações ou projeções de uma pré-concepção operada mentalmente e que se materializa por meio deles. Cada forma de conhecimento emprega signos específicos (o que resultará em textos diferenciados), que podem ser classificados das mais variadas maneiras. Eles podem ser, quanto à forma, palavras e não-palavras, e quanto à valência, univalentes ou denotativos e polivalentes ou conotativos (Moisés, 1973:22). A Literatura utiliza palavras polivalentes (metáforas, num sentido amplo) para expressão do conhecimento, sendo a polivalência do signo responsável pelos diversos significados que podem ser atribuídos ao texto literário. Partindo desses argumentos, a Literatura apresenta-se como um modo de conhecimento expresso por palavras polivalentes, que apresentam deformadamente a realidade, ou ainda, como ficção expressa em palavras de sentido múltiplo e pessoal. Nas palavras do autor,

*“o desprezo por copiar o real significa desviar-se dele, deforma-lo, mentir, ‘fingir’ a realidade, ou*



*inventar uma outra realidade, à sua imagem e semelhança, mas individualizada e 'autêntica' a seu modo. A ficção, entendida como o universo interior onde estão armazenados e transfigurados os produtos da percepção sensível e emotiva da realidade ambiente, faz aqui sua entrada. Por isso podemos dizer que a Literatura é ficção. E se entendemos os conteúdos da ficção como compostos das imagens 'deformadas' e transfundidas do mundo real, é imediato assumir que ficção e imaginação se equivalem, e um termo pode ser perfeitamente tomado pelo outro"* (Moisés, 1973:25).

Podemos concluir, a partir do exposto, que o texto literário está, por conta de sua natureza conotativa, aberto a múltiplas significações. neste sentido, as colocações de Moisés se encontram com as de Bastos (1993), para quem a literatura é uma representação parcial e plural da realidade, um discurso sobre o real formado a partir da relação que o escritor estabelece com o contexto cultural no qual se insere. Nesta construção de discursos, uma dada representação do espaço é apresentada, e neste sentido, uma análise literária pela geografia deverá buscar decodificar os símbolos e imagens que compõem a estrutura do texto por meio dos quais o espaço se torna visível.

Passaremos agora à apresentação das contribuições de James Duncan, Franco Moretti e Marc Brousseau aos estudos geográficos sobre textos literários. Como já exposto anteriormente, tais pesquisadores desenvolvem estudos de natureza distinta, mas que partem da importância que o espaço adquire em certos textos literários, o que permite ao geógrafo um importante ganho em seus estudos.

O estudo de James Duncan sobre a paisagem da capital do reino de Kandy, no Sri Lanka (Duncan, 1990), no começo do século XIX, é uma importante contribuição à pesquisa geográfica sobre textos literários, sobretudo no que se refere à relação genética que tais textos apresentam com o contexto no qual foram desenvolvidos. Ao propor a análise de textos sagrados como caminho para decodificação dos processos de reprodução social que se utilizam da paisagem como importante meio de comunicação, Duncan apresenta uma importante contribuição aos estudos da dimensão cultural do espaço urbano. Segundo o método proposto, ao qual chamaremos de *metáfora textual*, a paisagem pode ser compreendida como um texto, através do qual "um sistema social é comunicado, reproduzido, experienciado e explorado. Apresenta, assim, uma qualidade estruturada e estruturante." (Duncan, 1990:17) Tal concepção de paisagem baseia-se na concepção de cultura de Raymond Williams, que a enxerga como um sistema de significados através do qual uma ordem social é comunicada. Essa perspectiva da cultura aproxima-se de outras, externas à Geografia e já brevemente apresentadas, segundo as quais a cultura seria um texto aberto a múltiplas leituras, algumas mais hegemônicas que outras, mas todas sendo interpretações políticas.

Duncan propõe duas abordagens através das quais poderíamos dar conta do significado da paisagem. A primeira refere-se à valorização dos relatos de indivíduos que apresentem diferentes relações com a paisagem que se deseja estudar, ou seja, a variação do vínculo que os locais, os não-locais e os geógrafos apresentam com o espaço pode oferecer diferentes percepções da mesma paisagem. No entanto, a segunda abordagem é a que desperta

nosso interesse mais imediato, por se tratar da análise da retórica da paisagem. Esta análise trata da natureza de alguns tropos através dos quais a paisagem atua como um sistema de significados. Tropos são figuras de palavras que Duncan associa a certos elementos da paisagem, e quando estes elementos assumem um sentido novo, podem comunicar uma cultura e as relações de poder associadas a ela. Para o estudo sobre a capital do reino de Kandy, o autor destaca as seguintes figuras: alegoria, sinédoque e metonímia.

A paisagem é uma representação concreta de uma dada ordem social, e este atributo comunicador torna pertinente a referência à alegoria. Para Duncan, o método alegórico foi freqüentemente aplicado às paisagens, e em várias sociedades as pessoas são levadas a pensar alegoricamente. No caso específico do reino de Kandy, sua paisagem comunica o mundo dos deuses, considerado como sendo semelhante ao mundo dos humanos, e é alegórica "no sentido de que ela é uma representação concreta das paisagens de uma ordem superior." A partir do momento em que a estrutura da cidade de Kandy assemelha-se à cidade dos deuses, todo um conjunto de normas e de leis associados à cidade divina é introjetado na conduta dos cidadãos. No entanto, esta mesma paisagem fornece a possibilidade de inúmeras interpretações, sobretudo quando se consideram as diferenças sociais existentes na sociedade do Reino de Kandy (Duncan, 1990:20).

Ao tratarmos da sinédoque, estamos nos referindo ao emprego de uma parte pelo todo e vice-versa. Há certos elementos na paisagem que permitem que uma narrativa inteira seja evocada na mente do observador. Conforme Duncan nos mostra, "uma parede no formato de uma onda ao redor do lago em Kandy

torna-se um significante aplicado por toda uma narrativa complexa da criação do mítico Oceano de Leite pelos deuses quando da criação do mundo" (Duncan, 1990:21). Como a complexidade da narrativa não pode ser reproduzida em todas as construções da cidade, através da sinédoque a evocação da narrativa se faz possível através de um único elemento.

Finalmente, metonímia é o tropo segundo o qual uma palavra ou um ícone é associado a um outro sentido com o qual apresenta-se vinculado por relações de contigüidade. O autor nos oferece um exemplo que envolve palavras. O rei de Kandy é chamado de 'O Grande Portão', em alusão aos grandes portões do palácio real, que significam o limite entre o mundo dos humanos e o mundo divino. Dessa forma, o rei seria uma figura limiar, representante dos céus na terra, "não totalmente humano e nem totalmente um deus, em um palácio não totalmente deste mundo e nem do mundo dos deuses" (Duncan, 1990:21).

A partir da utilização de tropos e da relação estabelecida entre eles e certos elementos da estrutura da cidade de Kandy, Duncan propõe uma forma de estudo da paisagem urbana que valorize sua capacidade de comunicar uma ordem social e, desta forma, orientar a conduta da população comum do reino, em função do sentimento de pertencimento a uma cultura criada pelos deuses. Isso é possível a partir do momento em que se relacionam conceitos do campo da Literatura aos estudos geográficos.

A linha de investigação de Franco Moretti tem por objetivo a elaboração de um atlas literário, não sendo, no entanto, a primeira obra elaborada com este intuito (Moretti, 2003). Para o autor, o mapa é tido como o veículo que favorece a visibilidade das relações entre Geografia e Literatura. Nesse sentido, Moretti propõe o estudo do espaço ficcional – o



espaço da Literatura – e do espaço real – a Literatura no espaço – a partir da utilização de mapas como ponto de partida para a interpretação e questionamentos do texto literário, mais especificamente do romance realista europeu do século XIX. O mapa é, nesta metodologia, uma ferramenta analítica que permite identificar a natureza espacial das formas literárias e a lógica interna da narrativa. Os mapas são confeccionados a partir da escolha de aspectos textuais específicos, como local de moradia ou rotas de deslocamento dos personagens, localização do início e do fim das tramas etc, e permitem análises interessantes: a relação importante que o romance estabelece com o Estado-Nação fica evidente, bem como evidencia-se também a relação entre formas literárias e o espaço. Os romances históricos são um bom exemplo dessa relação, pois localizam-se predominantemente longe 'do centro', ou seja, nas proximidades das fronteiras entre Estados e dentro dos Estados. O espaço é, portanto, fundamental nas narrativas romanescas, de forma que o autor afirma que "nos romances europeus modernos, o que acontece depende muito de onde ocorre" (Moretti, 2003:81).

Finalmente, apresentamos as contribuições de Marc Brosseau aos estudos geográficos sobre textos literários, a partir do método dialógico (Brosseau, 1996). O autor parte do pressuposto de que o romance oferece resistência ao método, e que, por isso, a forma mais adequada de estudá-lo seria através do estabelecimento de um diálogo com ele. O diálogo aparece como uma opção plausível para a análise do romance, sendo uma possibilidade de comunicação entre geografia e literatura, enquanto campos autônomos do conhecimento. O autor não objetiva definir novas bases para uma interpretação literária,

mas contribuir para o pensar do lugar pela Geografia. Contrapondo-se a uma interpretação do texto em sua totalidade, está a proposta de uma compreensão dos espaços e dos lugares no texto, de forma não estandardizada a partir do método do diálogo.

Segundo esta perspectiva, para que o diálogo seja estabelecido, o romance não deve ser tratado como um objeto, mas como um outro sujeito, visto que um diálogo só pode ocorrer entre dois sujeitos. O romance apresenta uma forma específica: ele não é um discurso científico, logo não diz a mesma coisa e nem apresenta a mesma forma que aquele, além de não possuir compromisso com a utilidade. Por isso, ele não pode ser tratado como uma ferramenta, mas deve ser respeitado em sua especificidade.

*"A especificidade deste modo de expressão em relação àquele das ciências humanas deve ser plenamente assumido se busca-se compreender melhor o que o romance pode nos ensinar de novo ou de diferente sobre a escrita dos lugares. Só que, este ganho cognitivo (...) não se obtém pela simples transferência de um domínio a outro, pela tradução do que exprime um na linguagem do outro. Geografia e literatura não são vasos comunicantes" (Brosseau, 1996:55).*

Nesta passagem o autor afirma que não se deve buscar estabelecer uma metalinguagem que viabilize este diálogo. Embora tentadora, esta perspectiva é na verdade uma 'miragem positivista' que não resolve a questão. Para ele, o método dialógico procura evitar

*"a crença na capacidade da ciência exprimir em suas palavras aquilo que o romance diz (escreve). O diálogo é somente uma outra estratégia que permite*

*ao geógrafo entrar em contato com o romance, interrogar sua própria relação com a linguagem e a escrita graças a um encontro com este outro sem buscar assimilá-lo. Colocar o romance como sujeito, como 'totalidade', não significa nada além de dizer que ele nos é impermeável, embora haja uma maneira própria (e esta pode ser verdadeira para cada romance particular) de produzir sentido, uma coerência de sentidos, que resiste aos mais sutis esforços do analista em o transformar [o romance] em objeto" (Brosseau, 1996:60-61).*

A partir desta perspectiva, Brosseau apresenta alguns pontos de reflexão interessantes. Recorrendo às contribuições de Bachelard, Tuan e Berdoulay, o autor desenvolve a relação entre o espaço e o imaginário. A imaginação, entendida por Bachelard como dinamismo organizador da 'realidade' (Bachelard, 1957), desempenha importante papel na construção de espaços na literatura. As contribuições de Tuan e Berdoulay, por sua vez, residem na discussão acerca da utilização de metáforas. Para o primeiro, a evocação semântica do procedimento metafórico permite aceder a um melhor conhecimento das qualidades vividas do meio ambiente. Segundo Brosseau, a questão da metáfora transborda do quadro da imaginação poética, sendo de interesse epistemológico de primeiro plano. Para Vincenzo Berdoulay, a metáfora é uma importante fonte de criatividade para o pensamento geográfico, que propicia um ganho cognitivo graças ao estabelecimento de uma relação inédita entre duas idéias ou sistemas de idéias, renovando ao mesmo tempo nossa maneira de abordar a realidade e de a transmitir. Para Brosseau, a metáfora permite uma nova organização do saber e reaproxima o *andar* científico da criação poética.

Um outro ponto destacado por Brosseau é o da importância que a descrição apresenta para o estudo do espaço romanesco. A descrição, associada ao espaço, foi por muito tempo considerada momento de parada na seqüência narrativa, mas estudos como os de P. Hamon, Raimond e Clozier entre outros (ver Brosseau, 1996) mostram que ela apresenta caráter dinâmico e organizador, colaborando para uma melhor compreensão da importância e do papel do espaço dentro da trama. Assim, a descrição é importante para a Geografia, e ao contrário de associar-se ao caráter meramente descritivo de uma Geografia Regional clássica, estaria intimamente ligada à explicação (Clozier citado por Brosseau). Brosseau acrescenta ainda que a descrição pode se tornar o lugar onde a narrativa é relançada, 'recontando' os eventos sobre os quais esta passa em silêncio.

Por fim, a abordagem da história literária e dos gêneros traz a contribuição de Bakhtin com o conceito de cronótopo, que busca alcançar a 'correlação essencial das relações espaço-temporais" (Bakhtin citado por Brosseau). Para Brosseau (1996:100), esta noção é "uma ferramenta preciosa na tentativa de apreender os problemas do espaço-tempo no conjunto do romance e nos ensina que não é possível compreender um sem o outro". Assim, o recurso ao conceito de cronótopo serve para que se defina mais precisamente o tipo de universo com o qual o diálogo será estabelecido, quando do contato com o romance.

#### UM EXERCÍCIO DE ANÁLISE: O ROMANCE HOMENS E CARANGUEJOS \_\_\_\_\_

Após o exposto até aqui, acreditamos ser oportuna a apresentação de um exercício analítico do romance



*Homens e Caranguejos*, de autoria de Josué de Castro. Tal exercício, longe de ser uma análise acabada do romance escolhido, presta-se a ser uma breve exemplificação de como o intercâmbio entre Geografia e Literatura pode contribuir para uma melhor compreensão da dimensão simbólica que os espaços podem assumir.

O romance *Homens e Caranguejos* apresenta, a um primeiro olhar, a vida de João Paulo, menino pobre e morador da Aldeia Teimosa, uma vila de mocambos localizada nos alagados de Afogados, bairro da cidade do Recife. No entanto, já no prefácio do livro, Josué de Castro dá esclarecimentos que muito revelarão sobre a trama. O romance, talvez um livro de memórias ou uma autobiografia, segundo o próprio autor, retrata o contato que ele, Josué, travou, ainda menino, com o fenômeno da fome.

Josué de Castro, reconhecido médico, nutrólogo, geógrafo e cientista social pernambucano, nasceu na cidade do Recife, e ainda menino teve contato com a *sociedade dos caranguejos*, no casarão de estilo colonial do bairro da Madalena, onde morava. Também muito cedo tomou conhecimento de uma outra sociedade, a *sociedade dos moradores dos mocambos*, em relação à qual passou a nutrir grande ternura. E é esta sociedade que o autor retrata em sua obra. Uma sociedade que é moradora de habitações insalubres, construídas nos mangues do Recife, ambiente com o qual convivem e do qual retiram seus sustento, o caranguejo. No entanto, o tema principal do romance *Homens e Caranguejos* não é o modo de vida das populações dos alagados do Recife, mas o problema da fome, materializado nas personagens por ele criadas. A fome, drama universal em uma de suas dimensões, a urbana, é apresentada neste romance, o qual analisaremos a partir de alguns aspectos específicos, estreitamente relacionados: as

personagens, o conflito central, a espacialidade e a temporalidade.

A primeira 'porta de entrada' para análise do romance diz respeito ao personagem principal, João Paulo. Embora não se tenha clareza de sua idade, fica evidente que o mesmo é uma criança, que 'ensaia' os primeiros passos rumo à puberdade. Sobre a apresentação de um personagem principal de um romance na forma de criança, Moisés (1973) apresenta alguns pontos que nos interessam destacar. O primeiro deles diz respeito à construção de personagens. Segundo este autor, três são os mecanismos de criação de personagens que interagem mutuamente: a memória, a observação e a imaginação. O segundo ponto refere-se à idade dos personagens. Neste sentido, uma personagem criança pode representar, entre outras coisas, um símbolo ou alegoria, artifício utilizado pelo autor para comunicar algo. Complementando as duas proposições anteriores, Moisés acrescenta que uma personagem pode ser uma projeção do 'eu' do autor. Neste sentido, acreditamos Josué de Castro, a partir de suas lembranças e observações da infância, acrescidas da imaginação poética, constrói um personagem por meio do qual possa transmitir suas primeiras sensações diante da descoberta da fome, feita a partir do contato com os moradores dos mocambos situados próximos à sua casa.

A fome constitui-se no conflito central do romance, em torno do qual agrupam-se as diversas células dramáticas. Dizendo de outra forma, a fome é o drama comum a todas as personagens, e para o desenrolar desse conflito central, o espaço desenvolve fundamental importância.

Conhecido também por seus estudos de cunho acadêmico sobre a cidade do Recife, Josué de Castro

não poderia escolher outra ambientação melhor para seu romance – o espaço urbano. E a escolha de uma vila de mocambos como cenário para o desenvolvimento da trama é ideal, ou seja, onde melhor enquadrar uma trama que trata da fome no espaço urbano recifense? Os mocambos, aqui representados pela fictícia Aldeia Teimosa, desempenham bem este papel. Habitada por uma população de baixa renda, excluída econômica e socialmente, que sobrevive em sua maioria de biscates na Feira de Afogados, esta vila de mocambos é o local de vários dramas, todos associados à fome: o da família de João Paulo que emigrou da seca de 1877, o da negra Idalina, avó do menino Oscarlindo, que vende tapioca na feira para seu sustento e que tem na venda de um porco alimentado com sobras de comida a única esperança de um Natal mais abastado – o porco simbolizando a miséria da família, visto que sua fome nunca é totalmente saciada -, ou ainda o drama de Cosme, o amigo de João Paulo que foi aleijado por béri-béri, doença causada por carência alimentar, entre outros dramas narrados no texto.

A Aldeia Teimosa, no entanto, longe de ser um local de miséria e dor, é vista como hospitaleira por seus moradores, onde estes se sentem 'em casa'. Em outras palavras, ela é um refúgio, sobretudo para seus primeiros habitantes, Chico, Mateus e dona Idalina. Os três encontraram nos mocambos embrenhados nos mangues o esconderijo necessário para suas agruras. Chico, o leproso, fugiu da perseguição dos agentes de saúde. Mateus, o Vermelho (por conta de seus cabelos ruivos), fugiu da polícia que vê em seu apelido uma alusão ao comunismo. Dona Idalina, por fim, fugiu para o mangue após a decepção de ver sua única filha se tornar uma 'mulher perdida'. Percebemos que a Aldeia Teimosa transfigura-se, assim, num

quilombo, sendo tanto um local de resistência contra as investidas do governo que visa extingui-la da paisagem urbana, quanto um local de refúgio para seus habitantes. Tal significado dado aos mocambos por Josué de Castro coincide com o sentido empregado pelos escravos habitantes dos mocambos do Brasil nos séculos XVII e XVIII, para os quais o "mocambo designava (...) a audácia e o arrojo de um certo 'esconderijo', do interior dos quais cantava-se: 'folga nêgo, branco não vem cá'" (Lira, 1994: 49). Neste sentido, o mocambo assume, neste romance, seu sentido etimológico original, o de esconderijo.

O último aspecto analisado no romance *Homens e Caranguejos* é a temporalidade do romance. É difícil identificar em que período o romance se situa. Porém, o que pode parecer, à primeira vista, uma falha do autor, revela-se um artifício literário que lhe permite tratar de várias questões associadas ao surgimento do fenômeno dos mocambos, como a seca de 1877, que juntamente ao desemprego, contribuem para a impossibilidade de parcela da população em pagar por uma habitação 'decente', ou ainda a Liga Social Contra os Mocambos, da qual o autor trata, embora sem cita-la nominalmente. Outros temas apontados pelo autor são o cangaço, as inquietações políticas associadas ao comunismo, a Revolução de 1930. Enfim, ao associar a Aldeia Teimosa a alguns eventos ou contextos de temporalidades diversas, que a princípio não coincidem com o tempo real – com a idade do personagem principal, por exemplo, o que reforça a idéia de seu cunho alegórico anteriormente exposto -, Josué de Castro pretende demonstrar a atualidade do fenômeno dos mocambos, e por tabela, da miséria e dos contrastes sociais do Recife. Os mocambos são uma feição urbana cujas causas,



enraizadas na estrutura social da cidade, não foram combatidas, e por isso, podem ser encontrados em diversas épocas da cidade (como ainda hoje o são), assumindo portanto um status contemporâneo.

O romance *Homens e Caranguejos*, que a princípio parece querer apresentar apenas a história de um menino pobre que questiona-se sobre as desigualdades da vida, revela-se uma verdadeira análise sócio-espacial da cidade do Recife. Para tal, Josué de Castro constrói um enredo que, ao ser analisado, permite aceder a significações mais amplas, que atingem aos problemas sociais recifense, no tocante à crise habitacional que acomete a cidade desde sua origem. Os mocambos, símbolos desta cidade ao lado das pontes e dos rios, surgem como refúgios ou qiulombos para seus habitantes, e como uma questão urbana recorrente na paisagem urbana, visto que sua principal causa – a desigualdade social – esta longe de ser combatida com eficácia.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto teve por objetivos sistematizar algumas contribuições para uma linha de pesquisa que una Geografia e Literatura, e sobretudo contribuir para o desenvolvimento de tais estudos na Geografia brasileira. Não foi nosso propósito esgotar a discussão aqui apresentada, mas ao contrário, esperamos que os argumentos aqui expostos possam abrir margem a discussões, e dessa forma ampliar os horizontes deste campo de estudos. Acreditamos ser de extrema importância uma linha de pesquisa que tenha nos textos literários um ponto de partida fecundo para uma melhor apreensão da dimensão simbólica que o espaço comporta, o que só pode ser considerado como um grande enriquecimento para os estudos geográficos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. *La Poétique de l'espace*. Paris: P.U.F. (Quadrige), 1957.
- BASTOS, A.R. V. R. *Geografia e Romances Nordestinos das Décadas de 1930 e 1940: uma Contribuição ao Ensino*. Dissertação de Mestrado em Geografia, Departamento de Geografia/USP, 1993.
- BROSSEAU, M. *Des Romains-géographes – Essai*. Paris, L'harmattan, 1996.
- CASTRO, Josué de. *Homens e Caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- DIMAS, Antônio. *Espaço e Romance*. São Paulo: Ática, 1994.
- DUNCAN, J. *City as Text – The Politics of Landscape Interpretation in the Kandyian Kingdom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- . "O Supraorgânico na Geografia Cultural Americana". *Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, n° 13 p. 7-33, jan/jun de 2002.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HAESBAERT, R. *Territórios Alternativos*. São Paulo: EdUff, 2002.
- LIRA, José Tavares C. de. "A Romantização e a Erradicação do Mocambo, ou de como a Casa Popular Ganha Nome. Recife, Década de 1930". *Revista Espaço e Debates* n° 37, 1994, pp. 47-60.
- MELLO, João Baptista F. de. *O Rio de Janeiro dos Compositores da Música Popular Brasileira 1928/1991 – uma introdução à Geografia Humanística*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1991. Dissertação de Mestrado PPGG/UFRJ.
- MOISÉS, M. *Criação Literária*. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- MONDADA, L & SÖDERSTRÖM, O. "Du texte a l'interaction: Parcours a Travers la Geographie Cuturelle Contemporaine". *Geographie et Cultures*, n° 8 1993, pp. 71-82.
- MONTEIRO, C. A. de F. *O Mapa e a Trama: Ensaio Sobre o Conteúdo Geográfico em Criações Romanescas*. Florianópolis: Ed.UFSC, 2002.
- MORETTI, F. *Atlas do Romance Europeu 1800-1900*. São Paulo: Bomtempo, 2003.
- POCOCK, D. *Geography and Literature*. In.: *Progress in Human Geography* v. 12, n° 1, 1988.

**ABSTRACT**

THIS PAPER AIMS TO CONTRIBUTE TO THE DEVELOPMENT OF STUDIES ON GEOGRAPHY AND LITERATURE RELATIONSHIPS, SUBJECT NOT USUALLY CONSIDERED BY BRAZILIAN GEOGRAPHERS. FROM JAMES DUNCAN, FRANCO MORETTI AND MARC BROUSSEAU CONTRIBUTIONS, THOSE RELATIONSHIPS ARE DISCUSSED. THE LANDSCAPE IS THE CENTRAL FOCUS OF THIS DISCUSSION, ESPECIALLY CONSIDERED AS TEXT, SUBMITTED TO DIFFERENT INTERPRETATIONS. AN ANALYTICAL EXERCISE, FOCUSED ON JOSUÉ DE CASTRO NOVEL *HOMENS E CARANGUEJOS* , SPATIALLY SITUATED IN A RECIFE MANGROVE SHANTYTOWN, FINISH THIS ARTICLE.

**KEYWORDS:** CULTURAL GEOGRAPHY, LITERATURE, LANDSCAPE, TEXT, SYMBOLISM, MOCAMBO.